DA GUIOMAR

E★M CULTURA

ALEXANDRE BATIBUGLI/DIVULGAÇÃO

PROTETOR DE DOM JOÃO VI

Hoje à noite, Laurentino Gomes lança o livro *1808* no projeto Sempre um papo.

PÁGINA 8

Zé da Guiomar lança o segundo disco e prova que Minas Gerais também faz samba. Grupo grava músicas próprias e surpreende com releituras de sucessos antigos de Wando e Monsueto

Zé da Guiomar: música brasileira que remete ao interior e à cultura do morro

RODRIGO DAI/DIVULGAÇÃO

MINEIRO DA GEMA

AILTON MAGIOLI

Além da maneira diferente de harmonizar, a introdução de acordes dissonantes, o uso do saxofone em arranjos e solos (com direito a improvisos) e a sonoridade pop do cavaquinho contribuem para fazer do samba – meio bossa nova e de raiz – do Zé da Guiomar algo genuinamente mineiro. Surgido no início deste século, quando o gênero passava por revitalização no país, o grupo está lançando o segundo disco de carreira – *O samba tá* (+ Brasil Música) –, exibindo sua reconhecida porção de intérprete consagrada na noite de Belo Horizonte e assumindo de vez a veia autoral.

Estrela das sextas-feiras do Reciclo Asmare Cultural há sete anos, e, mais recentemente, atração mensal no Vinnil Cultura Bar, foi na noite que o Zé da Guiomar formatou a sua maneira de fazer samba. Integrado por Márcio Souza (voz e violão), Valdênio (cavaquinho), Renato Carvalho (sax) – os três da formação original – e Totove Ladeira (percussão), o grupo, batizado em homenagem a um chefe de marujada de Conceição do Mato Dentro, chama a atenção já pelo nome. "A primeira vez que vi Zé da Guiomar na rede, pensei se tratar de cantor de forró", escreveu uma fã no incensado portal Samba & Choro.

"Além de bem brasileiro e do interior, remetendo às coisas do morro, nosso grupo faz lembrar o Julinho da Adelaide, heterônimo que Chico Buarque adotou para se safar da censura na época da ditadura", afirma, orgulhoso, o vocalista Márcio Souza, dono de timbre grave e às vezes rascante, que faz lembrar o Carlinhos Vergueiro nos áureos tempos.

A atmosfera romântica de *O samba tá* não surgiu do acaso. Autor de cinco das 11 composições inéditas do disco, o cavaquinista conta que todas vieram à tona quando ele vivia paixão arrasadora e compôs de uma só vez cerca de três dezenas de sambas. O clima às vezes melancólico das criações é atribuído por esse ex-guitarrista de blues ao lamento, matriz dos dois gêneros. "O samba é isso, tem ritmo alegre e mensagem às vezes triste", poetiza o autor de *Proposta* – que já puxa o disco nas FMs –, além de *O teu perdão*, *Dizendo adeus*, *Faltou você*, da parceria com Fernando "Tatu" Tolomelli, e *Solidão*, com Márcio Souza. O próprio Márcio também contribui com *Rosa na janela*.

PÉROLAS Na garimpagem de sambas novos e pérolas do gênero para o segundo disco, os integrantes do Zé da Guiomar se depararam com muita coisa interessante. Sentiram dificuldade para a seleção, diante de pelo menos uma centena de composições inéditas. Ronaldo Batista, barbacenense radicado em Belo Horizonte, contribui com *Vingança* e *Sinceridade*. Deco Lima assina a faixa-título, enquanto Cris Vianna e Pedro Portela se responsabilizam por *Vai com Deus*. "É impressionante a quantidade de novos compositores em Belo Horizonte. Tem o Dudu Nicácio, o Mário Moura do Fidelidade Partidária, o Vinição, de quem gravamos *Agora eu sou seu* em nosso primeiro disco", lista Valdênio.

Da série resgate, a surpresa fica por conta de Wando, o brega-romântico de carteirinha, cujo samba-rock *Nega de obalu-aê*, da mesma época de *O importante é ser fevereiro*, ganha leitura dos rapazes, depois da releitura de Pedro Luís e A Parede no álbum *Zona e progresso*. *Me deixa em paz*, de Monsueto e Airton Amorim, ganhou peso de guitarra que poderá desagradar aos puristas. Para o registro do repertório em estúdio, além de Mauro Rodrigues (direção musical, arranjos de flauta e de sopros e flautas), o Zé da Guiomar convocou um time de primeira linha: Célio Balona (cujo acordeom desenha, literalmente, a melodia em *Rosa na janela*), Paulinho Carvalho (baixo) e Esdra "Neném" Ferreira (bateria).

Juntaram-se à equipe instrumentistas conhecidos no universo do samba-choro da capital, como Geraldo Magela e Sílvio Carlos (violão de sete cordas), Eduardo Macedo (cavaquinho base), Zeuler Miquelina (cuíca), Bill Lucas (percussão) e Rafael Martins (trombone). Com vocais reforçados por Gláucia Quites, Marcelo Diniz, Alexandre Az e Danuza Menezes, o grupo ainda se deu ao luxo de trazer um gringo para a roda: o guitarrista australiano Adam Jones, que mantém casa em Belo Horizonte.

O Zé da Guiomar surgiu na mesma leva dos grupos Copo Lagoinha e Fidelidade Partidária, cujas rodas de samba atraem o público da capital para a noite. O primeiro disco, de 2005, privilegiou sucessos do denominado samba de raiz, apesar de já trazer duas composições dos próprios integrantes.

O samba-rock de Wando

GUTO COSTA/DIVULGACAO

"Apesar de composta há 30 anos, *Nega de obalu-aê* tem tudo para levantar a moçada hoje", aposta Wando, mineiro de Cajuri, feliz e honrado pela lembrança de sua obra, que ganhou releitura do Zé da Guiomar. Feito na época em que o cantor ainda animava bailes, ele diz que, provavelmente, esse samba-rock foi composto sob a influência de Jorge Benjor, um de seus ídolos.

Apesar de consagrado pelo repertório romântico-brega, o primeiro sucesso de Wando foi o samba *O importante é ser fevereiro*, na voz de Jair Rodrigues. Depois, ele estourou com *Nega de obalu-aê*, gravada por Emílio Santiago e Pedro Luís e A Parede, além de *Samba magoado* e *Safada* (parceria com Chico Anysio).

"O importante é fazer o que se está a fim", afirma Wando, lembrando que do samba ao rock, passando pelas baladas românticas, sua obra reflete a diversidade cultural brasileira. "Se ela tem consistência, permanece e será sempre regravada", diz a respeito do próprio sucesso, que também passeia por ritmos latinos.

Wando explica que a demora da liberação da canção – o que, de acordo com integrantes do Zé da Guiomar, atrasou o lançamento do disco – se deve ao fato de não pertencer à editora dele, a W-One. "Acabaram criando exigências demais para liberar", critica, lamentando o problema causado ao jovem grupo mineiro.

Autor de mais de 500 composições editadas, 400 delas já gravadas, o cantor anuncia que, além de um álbum inédito, negocia com a Universal Music a volta de seus discos ao catálogo da gravadora. Casado com mineira, atualmente Wando vive na ponte aérea BH-Rio.

ULISSES MATANDOS/DIVULGAÇÃO

EMPREITADA PERIGOSA

O grupo Matut Moderno lanç que faz leitura clássicos serta com toques de

PÁ

DOS BARES DA VIDA PARA OS ESTÚDIOS DE GRAVAÇÃO, GRUPOS DE BELO HORIZONTE MOSTRAM QUE TRILHARAM O CAMINHO QUE VAI DA INTERPRETAÇÃO DE CLÁSSICOS DO GÊNERO AO TRABALHO AUTORAL

ESTE SAMBA É MEU

EDUARDO TRISTÃO GIRÃO

Nem só de *Trem das onze*, *As rosas não falam*, *Flor de lis*, *Foi um rio que passou em minha vida* e *Ai, que saudades de Amélia* vive o samba de Belo Horizonte. Literalmente. A geração de artistas que começou a tocar pelos bares da cidade ainda nesta década, pouco a pouco faz o público sambar ao som de composições próprias – nobre e corajosa iniciativa que injeta sangue novo nas veias do samba feito em Minas Gerais. Enquanto alguns grupos mesclam canções clássicas e autorais em seus shows, outros arriscam ainda mais e partem totalmente para o repertório autoral. Há até quem planeje mostrar o gingado próprio no exterior. E não há crise que impeça os sambistas daqui de gravarem discos.

Um dos exemplos mais recentes de que o novo samba belo-horizontino tem orgulho de mostrar sua face é o grupo Chapéu Panamá. Criado em 2005, desde o início apostou nas músicas próprias e soube pavimentar o caminho para o lançamento do primeiro disco, *Ao vivo na biblioteca*, mês passado. Recheado de composições de seus integrantes, o álbum também conta com sambas de outros compositores da cidade, como Ronaldo Coisa Nossa (Bar Opção) e Mauro Zocratto (Copo Lagoinha). A temporada de lançamento do álbum termina nesta quinta, com show no Estúdio B.

Matheus Brant, violonista do Chapéu Panamá, conta que a receptividade do público em relação as músicas escritas pelo grupo não é algo fácil de ser sentido: "Não sei se é vantagem ou desvantagem, mas a pessoa que gosta de samba se identifica com qualquer tipo de samba, só por ser samba. Isso facilita a receptividade, a pessoa ouve com mais boa vontade. Se não gosta, pelo menos dança. Era um medo nosso essa receptividade, mas foi bom. A maior preocupação é elaborar um repertório que não seja maçante".

O caminho até a estreia com um disco praticamente autoral não foi dos mais fáceis. Afinal, o público das noites de samba nem sempre está em busca de novidades. "Em shows, só avisamos que uma música é nossa depois de tocá-la. Já tivemos problemas com isso. Produtores já reclamaram que a gente estava tocando muita música própria. É aquele papo: 'A música de vocês é muito boa, mas aqui não é o lugar'. Muitas vezes, esses caras nem sabem nada. É só não falar que a música é nossa. Se a galera curtir, sambar e dançar, o objetivo deles está atingido", revela Matheus.

"Nosso trabalho só foi possível de ser realizado por causa dos shows em que a gente tocava sobretudo releituras. Nunca deixamos de tocar nossas músicas, mas eram em bem menor número. Em festa particular, festa de faculdade, não tem como tocar muita música nossa. Hoje não fazemos mais esse tipo de evento", comemora. "A expectativa é que esse novo CD da Aline Calixto dê uma movimentada. Ela pode desempenhar esse papel. A cena de samba em BH está pronta. Isso já é um passo. Começar do zero é mais difícil", finaliza.

RODRIGO DAI/DIVULGAÇÃO

O grupo Zé da Guiomar recheou o novo trabalho quase todo com músicas próprias

Em Paris

Depois de trilhar os caminhos da canção mineira com a cantora Leopoldina num bom disco lançado em 2005, o mineiro Dudu Nicácio (**foto**) decidiu investir no samba. Resultado: fez outro trabalho notável, desta vez com o músico carioca Rodrigo Braga. Das 11 músicas do álbum *Dois do samba*, 10 são assinadas pela dupla. Dudu, que trabalha paralelamente como advogado, tira seu sustento das duas atividades e não pretende abrir mão de nenhuma delas. Coordenador do programa Polos de cidadania da UFMG e do Fórum Mineiro de Direitos Humanos, ele idealizou com Mestre Jonas e Miguel dos Anjos o projeto Samba do compositor, que valoriza talentos da cidade. "Já estou preparando o segundo disco com o Rodrigo, trabalhando numa série de

JOÃO CASTILHO/DIVULGAÇÃO

Por falar em Aline Calixto, a carioca criada em Minas e revelada em Belo Horizonte foi contratada pela gravadora Warner e, mês que vem, colocará na praça seu primeiro álbum. O repertório incluirá algumas canções dela em parceria com sambistas da capital mineira. "Vejo receptividade legal em relação ao meu trabalho. Quando a gente canta e vai tornando esse repertório próprio um hábito, as pessoas vão começando a reconhecer e a pedir essas músicas. É muito bacana. Também é importante divulgar o trabalho de grandes mestres, pois tem muita obra adormecida por aí. Defendo a mescla", diz a cantora.

GUINADAS Um dos mais conhecidos grupos de samba da cidade, o Zé da Guiomar promoveu guinada radical na carreira, ano passado, com o lançamento do seu segundo disco, *O samba tá*: ao contrário do antecessor, é composto quase que só por sambas escritos pelos integrantes da banda. "Era preciso mudar o caminho, pois não somos só intérpretes, temos veia autoral. Coincidiu de sair uma leva boa de sambas e a gente estar com projeto aprovado em lei de incentivo. Esse tipo de trabalho dá mais consistência e identidade à banda", diz o cavaquinista Valdênio.

"O Zé da Guiomar está há oito anos na estrada e há dois a gente vem incluindo músicas autorais no nosso repertório. Pelo menos 30% do que a gente toca na noite é autoral. A receptividade tem sido muito boa. Tem músicas nossas que o povo já canta com a gente, com refrão bem fácil. A gente tem muito apoio das rádios daqui e estamos sendo muito executados em Brasília e Salvador. Com isso, direito autoral vai pingando. O caminho é esse. Temos que dizer alguma coisa", afirma.

BÊNÇÃO DO FORRÓ Em alguns casos, a chance de sucesso ao defender sambas de lavra própria está em caminhos improváveis. O grupo Samba de Luiz, por exemplo, optou pela fusão musical como maneira de mostrar ao público da cidade um trabalho diferente do habitual. "A gente ficou 10 anos mamando na teta do forró. Na verdade, somos um monte de forrozeiros que sempre teve uma pegada mais sambada no palco. Como o forró é um ritmo purista e regionalista, pensamos em trazê-lo para a galera do samba que não o conhece e não empurrar o samba nos forrozeiros. O Luiz do nome é em homenagem a Luiz Gonzaga", afirma Marco Túlio Araújo, percussionista do grupo, fundado em 2006.

Mesmo quando incluem releituras no repertório – que atualmente é quase todo autoral –, tratam de fazê-lo com o tempero nordestino. Assim, venderam as 5 mil cópias do primeiro CD (independente) e 2 mil do DVD. "Já estamos na produção do segundo CD, que terá participação do Silvério Pessoa, e colocando músicas dos ensaios no site. Trabalhamos muito o nosso site. O pessoal já está acostumado a acessá-lo. Temos fã-clube e tudo", orgulha-se Marco Túlio. "As pessoas aprenderam a ir ao show, gostar da banda, comprar o CD, ficar duas semanas ouvindo e depois querer outra coisa. Se você não mantém qualidade na trabalho, some. Hoje o mercado está preparado para aceitar trabalhos sólidos, de longo prazo", aposta.

O GLOBO

Livro: *Como será a Feira de Frankfurt deste ano* • 2

SEGUNDO CADERNO

Show: *Cidade vive nova invasão de músicos mineiros* • 4

SEGUNDA-FEIRA, 12 DE OUTUBRO DE 2009

Mônica Imbuzeiro

Fotos de divulgação

Aporta no Rio a nova música de Minas

Programa do governo estadual incentiva artistas a tocar fora das Gerais

Fábio Fabrini

BELO HORIZONTE

"Sevirologia" é um verbete à margem do idioma oficial, mas popular no meio artístico. Entre os músicos brasileiros, então, quase todos já aprenderam a "arte de se virar". Pergunte-se aos *rappers* Dokttor Bhu & Shabê, de Belo Horizonte, ou à turma do Sambavesso, de Juiz de Fora. Eles sabem bem o que é carregar uma bateria num ônibus lotado ou viajar em de um fusca com cinco pessoas, mais os instrumentos. Daí o valor de um empurrãozinho, que garanta produção, cachê e palco montado.

O sonho começou a se realizar anteontem e vai até o dia 31, quando os dois grupos e mais dez bandas mineiras se apresentam em casas cariocas. Desconhecidos país afora, pela primeira vez eles usufruem de uma estrutura mais profissional. A oportunidade foi dada pelo Música Minas, programa criado pelo governo mineiro para projetar músicos locais além das montanhas. A série de shows reunirá uma amostra bem variada — e de qualidade — da cena musical na terra do pão de queijo.

O GRUPO Zé da Guiomar: o novo samba mineiro aterrissa no Rio

Verba de R$ 1,5 milhão para shows fora de MG

O projeto foi criado este ano, em parceria com o Fórum da Música de Minas, que reúne associações do setor. O governo repassou R$ 1,5 milhão para que elas realizassem, entre zer, cada uma, três espetáculos, com direito a transporte, hospedagem, estrutura de montagem e divulgação.

Os cachês são de R$ 2 mil, R$ 4 mil ou R$ 8 mil, conforme a modalidade de inscrição. Como contrapartida, os beneficiados terão de participar de 25 *workshops* contando suas experiências, no interior. Já houve temporadas em São Paulo, Salvador e Recife, com casas cheias. Para garantir público, a estratégia tem sido casar os novatos com nomes mais conhecidos, como Toninho Horta, Vander Lee e Marina Machado.

— Minas tem uma produção rica, poderosa e de qualidade, mas não consegue escoar o produto. Não formou corpo capacitado, e faltava política pública para perceber isso. O setor precisa sair do estado, botar as mangas de fora — afirma o produtor Maurílio Ku-

cos convidados para eventos dentro e fora do país. Também é possível importar nomes.

No Rio, a logomarca da invasão mineira tem um bondinho escorregando entre triângulos inspirados na bandeira de Minas. Mas a programação foge aos estereótipos de movimentos como o Clube da Esquina, dos anos 1970; o heavy metal do Sepultura, dos 1980; e o pop de Skank, Pato Fu e Jota Quest, mais recente. A temporada mineira começou na sexta-feira, no Teatro Odisseia, com a cantora Aline Calixto convidando o mestre Monarco e o grupo Sambavesso, que mistura rock com a trilha sonora dos morros cariocas.

— Só não confundam com samba-rock, pelo amor de Deus — implora o baixista da banda, Lula Ricardo, dizendo que o som é mais pesado.

O repertório tem Noel Rosa, Gonzaguinha, Chico Buarque,

com o DJ Roger Dee, vão estar hoje no Odisseia. O trio faz *samples* a partir da *black music* dos anos 1960 a 80. As letras fazem protesto, crítica social e falam de amor, mas não largam o sarcasmo.

— O rap tem uma abertura muito grande, pode falar de tudo — comenta Dokttor, que, antes de ir a São Paulo pelo programa, nunca havia se apresentado fora de Minas.

Kristoff Silva, Tom Zé e Frank Zappa em um show

No sábado, também no Odisseia, é a vez de o Pandeiro Mineiro fazer releituras de clássicos e sucessos recentes da MPB, de Jackson do Pandeiro a Zeca Baleiro. São 11 integrantes, que tocam instrumentos harmônicos e de percussão. No Cinemathèque, sobe ao palco Juliana Perdigão, cujo repertório reúne composições de novos artistas mineiros, como Vitor Santana, Kristoff Silva, João Antunes e Pablo Castro, e obras menos conhecidas de Gil, Caetano, Tom Zé e André Abujamra. No balaio, há ainda Frank Zappa (instrumental) e Nino Rota.

— O show é um retrato das coisas que ouvi muito e de que gosto — resume a cantora, que considera inviável produzir um show sem incentivo. — Só a locação de um espaço é caríssima, não há ingresso que cubra.

Dia 22, o *rapper* Renegado, que acaba de receber prêmios nacionais, mostra sua mistura de baião, maracatu, afrobeat e outros estilos. Ele convida o DJ Marcelinho da Lua, no Cine-

DOKTTOR BHU & SHABÊ: "rappers" e DJ saem do estado para tocar

OFÍCIO DA MÚSICA

SAMBA DO BOM

PAMELA RIBEIRO/DIVULGAÇÃO

O grupo Zé da Guiomar se apresenta no Museu de Artes e Ofícios

Hoje à noite, será encerrada a temporada de shows deste ano promovida pelo Museu de Artes e Ofícios (Praça da Estação, Centro). O grupo Zé da Guiomar foi convidado para fechar o projeto Ofício da música com seu samba instrumental. O público vai ouvir clássicos de Waldir Azevedo, Tom Jobim, Jacob do Bandolim, Noel Rosa e Nelson Cavaquinho.

Márcio Souza (vocal e violão), Valdênio (cavaquinho), Renato Carvalho (sax) e Totove Ladeira (percussão) prometem noite animada. Três convidados subirão ao palco: o trombonista Marcos Flávio e os percussionistas Alexandre Batista e Rodrigo Martins. O sarau começa às 19h30, com entrada franca.

PAMELLA RIBEIRO/DIVULGAÇÃO

Música. O projeto Ofício da Música se despede de 2014 hoje com uma apresentação instrumental do grupo Zé da Guiomar. No show, o quarteto formado por Márcio Souza (vocal e violão), Valdênio (cavaquinho), Renato Carvalho (sax) e Totove Ladeira (percussão) apresenta um repertório de compositores clássicos do samba e do chorinho, como Waldir Azevedo, Jacob do Bandolim, Noel Rosa, Nelson Cavaquinho, Luiz Bandeira, dentre outros, além de canções autorais. Em 14 anos de trajetória, o Zé da Guiomar já lançou três discos: "Zé da Guiomar" (2005), "O Samba Tá" (2008) e "Samba Feiticeiro" (2012). Mais informações no roteiro desta página.

SEGUNDO CADERNO

Nova novela de João Emanuel Carneiro será dirigida por Dennis Carvalho

pág. 5

DIREÇÃO
OS PLANOS DE MIGUEL PROENÇA NA SALA CECÍLIA MEIRELES

pág. 9

CasAzul. Foto de Thiago Delegado

Leopoldina. Foto de Divulgação

Matéria Prima. Foto de Divulgação

Long Lights. Representante da Geração Perdida

Zé da Guinness. Foto de Divulgação

ESPÍRITO COLETIVO, POLÍTICO E DA RUA, NOVA CENA MUSICAL DE BELO HORIZONTE SE ARTICULA EM VÁRIAS FRENTES E GÊNERO

Onda mineira

[illegible]

[illegible] janeiro de 2010. Motivo [illegible] decreto municipal que proibia [illegible] de qualquer natureza na Praça [illegible] um mês antes, centenas [illegible] o espaço, vestidos como ha[illegible] cadeirinhas de praia e barra[illegible] tão bem-humorado quanto [illegible] ano, o decreto foi revo[illegible] Praça da Estação.

[illegible] maio de 2017. A 6ª edição da [illegible], realizada entre os dias 6 e [illegible] [em meio a atrações do Brasil [illegible] Caio César e Vitor Ramil] um [illegible] que se desenrolava na cidade [illegible]. Passando pelo palco a mediação [illegible] Tem Nome, o hippie-[illegible] de Luiz Gabriel Lopes, a [illegible] NPM de Jennifer Souza, o [illegible] de Sergislino Bragi, as can[illegible] de Leopoldina, a angu[illegible] e vários do nome de Paulo Ro[illegible] Dirceu Monteiro [illegible] Tião Motorista [illegible] Lucas da Escola ao [illegible] que Morfi nesta [illegible] Ex e Pedro Cabral [illegible] — por [illegible] [illegible] o a partir do qual foi desenhada a cidade que se ouve hoje. Suas ondas bateram ali e moldaram uma capital definida pela ocupação da rua, pela articulação coletiva, pela integração entre política e cotidiano.

— A Praça da Estação foi o grande símbolo identitário geracional — resume Luiz Gabriel Lopes, ele mesmo uma síntese desse espírito, ao se desdobrar entre o artista (com as bandas Graveola, TiãoDuá e em trabalho solo) e o idealizador da Mostra Cantautores (ao lado de Jennifer Souza). — Tinha a ver com a coisa dos coletivos que já começaram a se organizar, como o Outrofloc, do qual o Graveola fazia parte.

FRUSTRAÇÃO DE TOCAR "PRA NINGUÉM OUVIR"

Jennifer Souza lembra da Outra Jam, encontro semanal que na mesma época (início dos 2010) servia de espaço aberto para artistas locais.

— Em 2011, desabafei com Luiz que estava frustrada de tocar em bar pra ninguém ouvir, ele falou dos shows que tinha visto em Portugal, das pessoas vendo música nova com atenção, em silêncio, essa cultura da escuta que marcaria a Cantautores. E disse que tinha um edital de ocupação do Teatro Espanca!, onde fizemos a primeira edição da mostra — conta Jennifer, referindo-se ao pequeno palco na região central da cidade.

Mais espaço existiria no Espanca!, o Viaduto Santa Tereza, entre cena, a do hip-hop, organizou-se em paralelo, com duelos de MC's realizados como Djonga, Tamara Franklin, Douglas Din e Matéria Prima (que no ano passado lançou o ambicioso projeto "2 atos", com disco produzido por Gui Amabis e show assinado pela diretora Scarlat Grace Passô).

A natureza congregadora da Praça da Estação reflete-se na conversa entre as cenas:

— O TiãoDuá (*de caminho mais vinculado à MPB pelo tropicalista*) está fazendo um disco com 15 MCs de BH — adianta Graveto, do TiãoDuá e um dos membros do coletivo CasAzul. — A CasAzul era primeiro um espaço físico, depois nos organizamos para um coletivo de algo que Sérgio Santos definiu como "música criativa". Tem espaço para trabalhos tão diferentes quanto o TiãoDuá e o Martinhais (*de Leandro César, que faz música a partir de instrumentos que constrói*).

Os cruzamentos são muitos, no espírito democrático da praça. A cantora de samba Cleusa Ribeiro — uma das representantes de uma cena que inclui Aline Calixto, Dé Lucas e Zé da Guinness — mostra isso em seu disco de estreia. O álbum tem participação do rapper Douglas Din e é produzido por Thiago Delegado — um dos nomes-chave de articulação desses diálogos, em projetos como a jam session Delegacia e o programa "Hora de Improvisar", transmitido na Rádio Inconfidência e na TV Minas.

— O choro também segue forte, com nomes como Choro Nosso, Pino Choro, Flor de Abacate e Sente a Pua, além do Corta Jaca, que já não existe [illegible] o "O") — fala a produtora Lilian Maca[illegible] dedica a projetos de choro e samba.

A Rádio Inconfidência (presidida por [illegible] Tânia Henrique) mapeia essa efervescência a troca, ao abrir espaço em seus programas de diversos artistas e coletivos citado Delegado, a emissora pública [illegible] comandadas pela CasAzul, por Paulo [illegible] Aline Calixto, entre [illegible] de incluir [illegible] ção em seu progra[illegible]

— Os artistas se [illegible] sensados pela rid[illegible] tica sua música e [illegible] ovalia a composiç[illegible] ções, também a[illegible] produtores da rá[illegible]

O programado[illegible] ça completa:

— Há uma a[illegible] para o pensam[illegible] ção sobre racis[illegible]

A política atra[illegible] nas reflexões e [illegible] sor de mudanças nas políticas p[illegible] política artística. O coletivo AN[illegible] compositoras (como Irene Ber[illegible] nini, Leopoldina e Luisa Bri[illegible]

— São mulheres que se dis[illegible] cudas, sobre as artistas, tra[illegible] o feminismo — diz Leopold[illegible]

VEJA OS ARTISTAS DA CENA DE BH

Confira a nova música de Minas Gerais: oglobo.com.br/cultura

PAMELLA RIBEIRO/DIVULGAÇÃO

Música. O projeto Ofício da Música se despede de 2014 hoje com uma apresentação instrumental do grupo Zé da Guiomar. No show, o quarteto formado por Márcio Souza (vocal e violão), Valdênio (cavaquinho), Renato Carvalho (sax) e Totove Ladeira (percussão) apresenta um repertório de compositores clássicos do samba e do chorinho, como Waldir Azevedo, Jacob do Bandolim, Noel Rosa, Nelson Cavaquinho, Luiz Bandeira, dentre outros, além de canções autorais. Em 14 anos de trajetória, o Zé da Guiomar já lançou três discos: "Zé da Guiomar" (2005), "O Samba Tá" (2008) e "Samba Feiticeiro" (2012). Mais informações no roteiro desta página.

O TEMPO

Música

Comemorando os 81 anos de Wilson das Neves, Zé da Guiomar se apresenta com o sambista carioca hoje na capital

Um parabéns para o samba

DANIEL OLIVEIRA

A parceria entre os irmãos da Bonfa Zé da Guiomar e o sambista carioca Wilson das Neves começa em 2008. Até então, eles não se conheciam, mas um amigo em comum, trabalhando em um documentário sobre o músico do Rio de Janeiro, "sugeriu que a gente fizesse uma parceria", conta o percussionista Tonny Ledesma.

A partir daí, uma boa dose de amor musical foi acontecendo. Zé da Guiomar gravou em um dos álbuns de Das Neves. O tal álbum foi direcionado por até na participação em "Moça Menina Mais", do álbum "Samba Feitiço", de 2012. E depois de cinco apresentações ao vivo juntas, a parceria se repete hoje pela sexta vez, a partir das 23h, no Contemporâneo Gastro Show.

O novo e especial show marca a celebração dos 81 anos de Das Neves, brilhante compositor, sambista e percussionista que tem no vasto currículo, entre muitas outras, ser parceiro em "Grande Hotel" e homenagem oficial de Chico Buarque. "Além de tudo, a gente é amigo. Não é nem uma homenagem, é uma comemoração. A gente é que se sente homenageado por ele participar", revela Tonny.

Na primeira, o Zé da Guiomar vai tocar sozinho as músicas de seu projeto repertório. Serão cerca de oito músicas, entre clássicos do samba e músicas dos quatro álbuns do grupo, com destaque especial para o recente "Carta da Manga", que saiu em 2017. "A faixa carrega a 'Nega do Cabelo Duro', música do Wando que a gente regravou no nosso segundo disco e que a galera sempre pede. O resto varia muito", afirma.

Na segunda, o repertório deve incluir clássicos como "O Samba É Meu Dom", "O Dia em que o Morro Desceu" e não "Foi Mais Carnaval" e, claro, "Grande Hotel".

Já no terceiro final, o Zé da Guiomar se apresenta ao lado do sambista carioca Pedro Miranda, outro conhecido da apresentação, acompanhado de músicas dele. "Já tocamos cada ele quatro vezes. É um grande amigo e também gravou no nosso segundo disco", conta Tonny.

E quem pode ficar de fora, para uma vaga coleira. "É um encontro de sempre. Cada um vai lá e mostra seu trabalhinho, suas apetites", explica Das Neves. O carioca se diz um grande parceiro, não só do samba mineiro, mas do país todo. "Eu dou bem com todo mundo. Os músicos são todos meus parceiros, a gente se respeita muito um ao outro", afirma o sambista.

Tonny acredita ainda que, com a provável presença de muitos músicos e cantores entre o público, a generosidade de convidados e parceiros no palco se tende a aumentar. "Essa parceria com artistas de renome nacional vai agregando uma experiência e maturidade cada vez maior para o grupo. Ajuda muito no nosso crescimento", pontua.

Aniversariante. Grande nome do samba, Wilson das Neves está fazendo 81 anos

Programe-se

Zé da Guiomar convida Wilson das Neves
Quando. Hoje, às 23h
Onde. Contemporâneo Gastro Show (Avenida Pasteur, 4, Santa Efigênia)
Quanto. R$ 20 (meia-entrada)

ar/ O espírito é livre na prisão do corpo/ Mas livre, a droga foi a decisão de largala, sem nenhuma ajuda médi- com Miles Davis em "Kind of Blue" (1959) – um dos mais revelia ou sem a exacerbação verbal por parte do músico, da hora. Não precisa ser entendida. Basta sentir.

RICARDO CARVALHO/REPRODUÇÃO DA CAPA

Música de Sérgio Achtschim dá nome ao disco do Zé da Guiomar

Prata da Casa

Zé da Guiomar e suas cartas na manga

Para quem já conhece, não é surpresa o quarto disco de carreira do grupo Zé da Guiomar lançar mão de elementares novidades. A começar pela arte gráfica do projeto, que envolve o trabalho de Alexandre Batista, Gustavo Monteiro, Márcio Souza, Marcos Flávio, Renato Carvalho, Rodrigo Martins, Totove Ladeira e Valdênio Martinho.

"A ideia partiu do nosso querido amigo Ricardo Carvalho, o Spock, que sugeriu esse formato com belas imagens e fora do padrão", explica Ladeira. Além de se abrir como envelope logo na capa, "Carta na Manga" tem outros trunfos. "A música que dá nome ao disco foi escolhida, em primeiro lugar, porque gostamos da canção e, em segundo, por ser sugestiva sobre o momento atual do samba e as dificuldades que o gênero enfrenta diante de um mercado cada vez mais pasteurizado. É a nossa arma para enfrentar esse momento obscuro", avalia o percussionista.

Porém, o enfrentamento da trupe é sempre com muito ritmo e, principalmente, humor, em letras tão inspiradas quanto mantenedoras da essência e tradição do estilo já centenário, casos de "O Doutor" (Ricardo Barrão e Fabinho do Terreiro), "Olha Goreth!" (Alexandre Rezende) e a reverente "Samba é Convicção" (Thiago Delegado e Murilo Antunes). "O samba tem lugar cativo no coração do brasileiro", garante Ladeira. **(RV)**

CAIXA CULTURAL RECIFE

Samba mineiro de Zé da Guiomar

Quem disse que mineiro não cai na roda de samba? Com quatro discos gravados em 18 anos, o grupo Zé da Guiomar mostra o gingado das gerais e as influências carioca e baiana no projeto Samba de Bamba, hoje, na Caixa Cultural, no Bairro do Recife, às 20h. Os ingressos – R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia) – são vendidos a partir das 10h. A classificação etária é livre.

Zé da Guiomar é formado por Márcio Souza (vocal e violão), Valdênio (cavaquinho), Renato Carvalho (sax) e Totove Ladeira (percussão). Nesta turnê, o grupo conta com a participação do trombonista Marcos Flávio e os percussionistas Alexandre Batista e Rodrigo Martins.

O repertório do show é uma prova do bom gosto do Zé da Guiomar, um grupo instrumental afinado e criativo, que já tem quatro discos na estante: *Zé da Guiomar* (2005), *O Samba Tá* (2008), *Samba Feiticeiro* (2012) e *Carta na Manga* (2017). Os mineiros fazem um apanhado variado das músicas que tocam nas noites de Belo Horizonte e inclui músicas autorais e sucessos do cancioneiro popular brasileiro.

ALEXANDRE REZENDE/DIVULGAÇÃO

MIX O grupo, afinado e criativo, mostra o gingado das gerais e as influências carioca e baiana

No set list divulgado para a primeira apresentação no Recife estão *Incompatibilidade de Gênios* (João Bosco e Aldir Blanc), *O Samba é Meu Dom* (Wilson das Neves e Paulo César Pinheiro), *Direito de Sambar* (Batatinha), *A Flor e o Espinho* (Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito). Da própria lavra pinçaram: *Dizendo Adeus* (Valdênio), *Faltou Você* (Valdênio e Fernando Tolomelli), *Juro Que Não* (Valdênio e Chico Amaral) e *Solidão* (Valdênio e Márcio Souza).

Assim como no samba o Zé da Guiomar passeia por vários estilos, o grupo se dá o direito a se arriscar em outros gêneros, como o choro Receita de Samba (Jacob do bandolim), a bossa nova de *Samba do Avião* (Tom Jobim) e o tropicalismo de *Maracatu Atômico* (Jorge Mautner e Nelson Jacobina).

● Teatro da Caixa Cultural: Av. Alfredo Lisboa, 505, Bairro do Recife. Informações: (81) 3425.1905

Samba com sotaque mineiro

Grupo Zé da Guiomar é o convidado do projeto Samba de Bamba, que é realizado hoje na Caixa Cultural

DANIEL MEDEIROS

O projeto Samba de Bamba traz ao Recife, pela primeira vez, o grupo Zé da Guiomar, representante do samba produzido em Minas Gerais. Formado por Márcio Souza (vocal e violão), Valdinei (cavaquinho), Renato Carvalho (sax) e Trevor Ladeira (percussão), o quarteto se apresenta na Caixa Cultural, no Bairro do Recife, hoje, a partir das 20h.

Sobre o repertório do show, o conjunto musical promete clássicos de várias épocas e vertentes. "Como é o nosso primeiro encontro com os recifenses, optamos por fazer um apanhado de tudo o que criamos até aqui. Pensamos pelos quatro discos da nossa carreira. O primeiro é uma reunião de clássicos regravados. Já o segundo é todo autoral. No terceiro, visitamos o samba baiano. E o quarto prestou uma homenagem aos sambistas mineiros. No show, a gente pretende mesclar tudo isso", explica Trevor. Além dos músicos fixos, o quarteto traz como convidados o trombonista Marcos Flávio e os percussionistas Alexandre Batista e Rodrigo Martins.

"O nome do Zé da Guiomar é muito fácil de identificar. O que a gente faz é um som tradicional, com pitadas de bossa nova e chorinho. Tem um pouco do sotaque mineiro, mas o nosso foco não é esse", diz o percussionista. Para a apresentação na capital pernambucana, os artistas separaram também músicas de outros gêneros, como a bossa "Samba do avião", de Tom Jobim, e "Maracatu Atômico", de Jorge Mautner. Entre as autorais, estão garantidas canções como "Quando adeus", "Falou você" e "Isso que não". "Estamos animados para tocar no Recife, porque os Setores que essa é uma cidade que possui uma vida musical muito forte. Acho o Samba de Bamba um projeto sensacional, justamente por proporcionar esse intercâmbio. É muito bom poder levar o nosso som a novos lugares", diz.

Trajetória

A banda Zé da Guiomar nasceu há 10 anos, em Belo Horizonte, fazendo carreira na noite mineira. "O grupo surgiu por acaso, do encontro informal entre amigos que queriam tocar samba juntos. Começamos tocando em festinhas de aniversário, de um jeito bem informal e, quando a gente se deu conta, já estava tocando em casas de shows lotadas", recorda.

O nome inusitado do grupo tem a ver com as tradições culturais do povo mineiro. "Renato Carvalho é de uma cidade do interior de Minas, chamada Conceição do Mato Dentro. Ele sempre contava histórias de uma figura meio folclórica de lá, chamado Zé da Guiomar. Achamos muito bom a sonoridade do nome. Também remete a um costume muito forte tanto em Minas como em outros estados, onde o samba nasceu, que é o de apelidar alguém a partir do nome da mãe ou da esposa", aponta.

serviço

Show do grupo Zé da Guiomar, no projeto Samba de Bamba

Quando: Hoje, às 20h

Onde: Caixa Cultural (avenida 7 de Setembro, 100, Bairro do Recife)

Quanto: R$ 20 e R$ 10 (meia-entrada)

Informações: (81) 3425-1905

DE GRAÇA

RODA DE SAMBA FECHA HOJE O OFÍCIO DA MÚSICA

Zé da Guiomar, a partir das 19h30, mostra repertório mais voltado para o instrumental no Museu

"Quem não gosta de samba bom sujeito não é. Ou é ruim da cabeça, ou doente do pé". O trecho da canção de Dorival Caymmi, escrito em meados de 1940, ainda reforça que o estilo musical é a cara do povo brasileiro. Quem compartilha da ideia é o percursionista Totove Ladeira, que integra a banda Zé da Guiomar, atração hoje à noite, no Museu de Artes e Ofícios (praça da Estação, s/n, centro).

"É uma música que surgiu no Brasil, por isso, não há nada mais autêntico que o samba. Podemos considerá-lo um produto de exportação", diz.

> "Passamos por diversas fases. O samba já sofreu altos e baixos, mas temos uma boa longevidade."
>
> Totove Ladeira

Não é à toa que a Zé da Guiomar se dedica ao samba desde 2000. "Está no nosso sangue. Quando percebemos, já estávamos envolvidos até a tampa. É algo que aconteceu naturalmente", comenta Ladeira, que, junto dos músicos Márcio Souza, Renato Carvalho e Valdêncio, fecha a temporada do Ofício da Música, às 19h30.

Com entrada gratuita, o show tem base instrumental. "Somos um grupo diversificado. Por isso, variamos nas nossas apresentações", explica Ladeira, comentando que, ainda sim, terá algumas músicas cantadas. "'Wave', 'Samba de Uma Nota Só', de Tom Jobim, 'Receita de Samba' e 'Carioquinha' são algumas músicas do nosso repertório", adianta.

Ladeira também comenta que o show recebe uns tons de bossa nova. "O samba, porém, é o nosso foco, porque ele independe de modismos", afirma, fazendo uma análise do cenário do samba na capital. "Passamos por diversas fases. O samba já sofreu altos e baixos, mas temos uma boa longevidade e isso ajuda no fortalecimento dele em BH".

ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO

Zé da Guiomar faz um resgate do samba baiano no último trabalho de estúdio

Ode ao samba baiano

Desde 2005, a banda Zé da Guiomar lançou três discos, sendo o último o álbum "Samba Feiticeiro" (2012). "Com esse álbum, quisemos prestar uma homenagem ao samba baiano que, com o passar dos anos, foi sendo deixando de lado", comenta Ladeira, explicando ainda que "as pessoas dão muito valor ao samba produzido no Rio de Janeiro, mas precisam saber que ele nasceu mesmo na Bahia". No repertório do álbum, estão músicas de compositores baianos.

LANÇAMENTO

Novo trabalho do grupo Zé da Guiomar mescla repertório inédito e clássicos do samba em ponte bem ritmada com a música da Bahia. O carioca Wilson das Neves é convidado especial

Com tempero especial

AILTON MAGIOLI

Mais de meio século depois de Geraldo Pereira (*Falsa baiana*, de 1944) e Ari Barroso (*No tabuleiro da baiana* e *Na baixa do sapateiro*, de 1936 e 1938, respectivamente), os mineiros do Zé da Guiomar são seduzidos pelo samba da Bahia, em disco que o grupo vai lançar, nacionalmente, sábado, no Clube do Choro de Brasília. Produto do amadurecimento do sexteto, formado por Márcio Souza (vocal e violão), Valdênio (cavaquinho), Renato Carvalho (sax), Totove Ladeira, Analu e Marcelinho do Vale (percussão) e que recebeu como convidado no estúdio Marcos Flávio (trombone), *Samba feiticeiro* estende a oportuna ponte musical entre Minas e Bahia ao Rio de Janeiro, na presença dos também convidados Wilson das Neves e Pedro Miranda, que dividem com o grupo o vocal em duas faixas, além da produção e direção musical a cargo de Jayme Vignoli.

Depois da estreia com disco de releituras (*Zé da Guiomar*, 2005), seguido do esperado autoral (*O samba tá*, 2008), o grupo parte para um projeto conceitual, com direito a inéditas (*Samba resposta*, *Fio de esperança*, *Moça morena Maria*, *Tristeza*, *Águas passadas* e *Despedida*) e a clássicos (*O inventor do trabalho* e *Direito de sambar*, de Batatinha, e *Você já foi à Bahia?*) do repertório baiano, além de também recriar temas (*Santo Amaro é uma flor*, *Quebra mar* e *Retrato da Bahia*) até então restritos a projetos gravados por lá.

"O samba baiano tem um feitiço diferente mesmo. Além da qualidade de ritmos, como o samba de roda, coco e chula, não há como negar que tudo começou por lá", destaca o cantor Márcio Souza, lembrando que o gênero tem uma ligação muito forte com a dança, o que tem tudo a ver com o Zé da Guiomar, cujos shows são um convite ao requebro e balanço. Depois da capital federal, a agenda do grupo prevê show de lançamento em Belo Horizonte, no feriado de 21 de abril, no Granfino's.

Na tentativa de assimilar a influência do estado em seu trabalho, o grupo mineiro partiu para uma temporada baiana em que, sob a batuta de jovens compositores como Dú Marques, foi apresentado ao que há de melhor na música feita na Bahia atualmente. A convivência e os laços se estenderam imediatamente e, já em 2010, o Zé da Guiomar fez show ao lado de Paulinho Boca de Cantor (ex-Novos Baianos), dentro do projeto Conexão Vivo, dobradinha que se repetiria este ano no projeto, ao lado de Edil Pacheco e Walmir Lima.

Segundo Márcio Souza, como eles já haviam gravado o mineiro Ari Barroso, desta vez optaram pelo baiano Dorival Caymmi, em termos de clássicos, além, claro, do mestre Batatinha, que também é unanimidade no grupo. Parceiro de Edil, o carioca Wilson das Neves, outra personalidade nacional do samba, seria imediatamente recrutado para o projeto, assim como Pedro Miranda, do grupo Semente, que também se responsabilizaria pela concretização da ponte entre o Zé da Guiomar e o samba carioca.

PALADAR Ainda do Rio, Jayme Vignoli foi responsável pelo "olhar de fora" na ponte Minas–Bahia, além de tirar o melhor do grupo, que recebeu como convidadas as Formosas: Babaya, Celiha e Lu. Também estão no disco os baianos Walmir Lima e Edil Pacheco e os instrumentistas mineiros Pereira da Viola, Marcos Flávio, Thiago Delegado, Gustavo Monteiro, Juliana Perdigão, Robson Batata, Rafael Leite, Alexandre Batista, Agostinho Paoluci e Rodrigo Torino.

Enquanto *Moça morena Maria* é preparada para se tornar a música de trabalho do disco, o cavaquinista Waldênio lembra que a parceria ultrapassa a música, chegando até a culinária. "Temos uma história de longa data, além de certa admiração mútua", comemora o instrumentista, mostrando-se impressionado com a receptividade baiana. "Nós, mineiros, somos muito fechados. Lá os compositores abriram o baú para a gente", comemora Waldênio, salientando o envolvimento dos baianos no projeto de gravação do disco.

LUDMILA ENPANGUER/DIVULGAÇÃO

O grupo Zé da Guiomar lança o disco *Samba feiticeiro*, sábado, no Clube do Choro de Brasília

SAMBA FEITICEIRO

FAIXA A FAIXA

- *Samba resposta*, Dú Marques e M. Paulista
- *Fio de esperança*, Nelson Rufino e Edil Pacheco
- *Moça morena Maria*, Wilson das Neves e Edil Pacheco, com Wilson das Neves
- *Inventor do trabalho*, Batatinha
- *Santo Amaro é uma flor*, Edil Pacheco e Walmir Lima
- *Tristeza*, Reginaldo de Souza
- *Samba feiticeiro*, Edil Pacheco e Paulo César Pinheiro, com Edil Pacheco
- *Quebra-mar*, Walmir Lima, com Walmir Lima
- *Águas passadas*, Roque Ferreira e Alberto Fonseca
- *Retrato da Bahia*, Riachão, com Pedro Miranda
- *Direito de sambar*, Batatinha
- *Despedida*, Walmir Lima e Noca da Portela
- *Você já foi à Bahia?*, Dorival Caymmi, com Formosas

A trilha do rock brasileiro da nova geração

Sob o comando de Fernando Rosa, *Senhor F* é uma boa revista eletrônica (www.senhorf.com.br) dedicada ao rock de qualquer espécie. De uns anos para cá Rosa também produziu shows de novas bandas e lançou um selo. *Clássicos da Noite Senhor F – A Trilha Sonora da Nova Geração* (Senhor F) é primeiro CD desse selo, com os grupos em que o Senhor F apostou. Com 22 faixas, é um bom apanhado do que anda rolando nas independências do rock nacional, do Recife a Porto Alegre. Entre os nomes mais conhecidos estão Los Pirata (SP), Autoramas (RJ), Relespública (PR) e Bois de Gerião (DF).

Roberta Sá faz estréia promissora

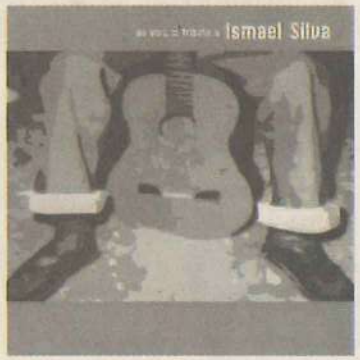
Voz bonita e afinada, bom gosto na escolha do repertório, combinação equilibrada entre acústico e eletrônica, novidades e velharias. Com isso, Roberta Sá faz estréia promissora em *Braseiro* (Universal). Ela que foi eliminada do programa *Fama* e se revelou cheia de suingue em *A Vizinha do Lado* (Dorival Caymmi) na trilha da novela *Mulheres Apaixonadas*, revisita sambas de Janet de Almeida, Chico Buarque, Teresa Cristina, e traz à luz outras belezas como *Valsa da Solidão* (Paulinho da Viola/ Hermínio Bello de Carvalho), *Olho de Boi* (Rodrigo Maranhão) e *Ah, Se Eu Vou* (Lula Queiroga).

O terceiro de Max de Castro: boa produção

Já virou clichê dizer que Max de Castro é bom produtor, mas que sobra conceito e falta música a seus discos. Em seu terceiro CD, *Max de Castro* (Trama), ele confirma aquelas impressões, mas parece à procura de mais recheio melódico. Max continua fazendo quase tudo sozinho, mas até o vocal está mais bem colocado. Além do habitual suingue de influência jorgebeniana (em que ele curiosamente parece passar pelo filtro de Fred Zero Quatro, do mundo livre s.a.), tem frevo eletrônico, rock, balada blues, funk, soul, samba-jazz. São bons sinais de renovação, apesar de uma certa indefinição.

O jungle de Soul Slinger em retrospectiva

Quem acompanha a trajetória da música eletrônica, sabe que o DJ e produtor paulista Carlos Soul Slinger, pioneiro do jungle, é figura peculiar na cena, desde que se fixou em Nova York no final dos anos 80 e lá instalou seu misto de gravadora e escola de DJs Liquid Sky. A compilação *DJ Soul Slinger Presents the Sounds of Jungle Sky* (ST2) é uma potente retrospectiva de seus trabalhos autorais realizados entre 1994 e 2004. Além de um remix inédito para *A Cidade*, de Chico Science & Nação Zumbi, o CD traz como bônus *Fora do Horário de Trabalho*, do recente álbum de estréia de BiD.



Um tributo a Ismael Silva à moda antiga

No dia 14 de setembro comemora-se o centenário de nascimento de um dos maiores sambistas brasileiros: o niteroiense Ismael Silva. Cantores com intimidade com seu legado, Cristina Buarque, Jards Macalé, Délcio Carvalho e Dalva Torres antecipam as homenagens com um belo CD gravado ao vivo: *Tributo a Ismael Silva* (Niterói Discos). Aqui estão sambas clássicos como *Antonico*, *Se Você Jurar*, e parcerias célebres com Noel Rosa, como *Para me Livrar do Mal*, *Ando Cismado*, *Uma Jura Que Eu Fiz* e *Amor*, recriados de maneira tradicional, portanto, sem surpresas.

Zé da Guiomar põe roupa nova nos clássicos

Há clássicos tão batidos da música brasileira que ninguém precisa mais ouvir, seja lá qual for a proposta de "releitura". Este é o senão que pesa sobre parte do repertório do quinteto mineiro Zé da Guiomar. Seu CD de estréia, distribuído pela Tratore, abre com uma bela recriação de *É Preciso Perdoar* (Alcivando Luz/Carlos Coqueiro), traz uma beleza rara de Paulinho da Viola e Eduardo Gudin (*Ainda mais*) e fecha bem com a instrumental *Rua da Amargura*, de integrantes do grupo. Márcio Souza é um bom cantor e os músicos são talentosos, mas podiam dispensar temas como *Samba de Um Nota só*.

NO EMBALO

Belo Horizonte se rende cada vez mais ao ritmo, que ocupa espaços culturais diversificados, atendendo tanto a velha-guarda quanto os mais jovens e conquistando a classe média

A cidade cai no **samba**

JANAINA CUNHA MELO

O aumento de número de bares e casas noturnas que oferecem projetos exclusivamente dedicados ao samba torna inevitável a constatação: o poder de convocação do gênero cria um movimento crescente e inesgotável na cidade. O samba tem ritmo, é convidativo e propicia ambiente de confraternização nostálgico para a velha-guarda e instigante para os mais jovens. O movimento não pára e está para além dos modismos.

A rotina de grupos como Zé da Guiomar, Dóris Quinteto em Samba, Mistura Fina, Briga de Galo e Fidelidade Partidária confirma. Cada vez mais procurados em casas freqüentadas por público de classe média, eles se alternam nas programações dos bares Reciclo Cultural Asmare, Vinnil Cultura Bar, Em Nome do Santo, Empório Santo Antônio, entre outros, que não se arrependem de investir no gênero e têm como recompensa a presença de público cativo. Administrador do Reciclo, José Aparecido Gonçalves atesta que o samba de raiz tem tudo a ver com a história da noite da cidade.

"Quando começamos o trabalho com os catadores de papel, vimos que a base da resistência cultural está no samba e no batuque, e decidimos dedicar toda nossa programação a esse ritmo, que conta a nossa história, tem a ver com a nossa identidade e faz todo mundo dançar e se divertir", afirma. Ele lembra que enquanto o Reciclo diversificava a oferta de estilos musicais, a relação com o público era incerta. O bar acaba de incorporar as terças-feiras, numa rotina que já oferecia samba de quarta a sábado, com lotação certa todos os dias. O novo projeto abre espaço para a velha-guarda e convida os músicos mais tradicionais da cidade para se relacionarem com platéia jovem e diversificada.

RODRIGO DAI/DIVULGAÇÃO

O Zé da Guiomar, uma das referências do samba, faz de 15 a 20 shows por mês, incluindo os de agenda fixa

Integrante do grupo Zé da Guiomar – uma das referências do samba no Reciclo que também se apresenta na Em Nome do Santo –, o músico Renato Carvalho lembra que esse é um movimento recente, que começou há pouco mais de cinco anos. O impulso veio com o grupo Copo Lagoinha, que cedeu artistas para a criação do Zé da Guiomar. "Isso foi ganhando força aos poucos, com as sessões livres de música que a gente fazia no antigo Pastel de Angu. Começamos a relembrar sambas de Chico Buarque, Djavan e João Bosco, que nunca são identificados como sambistas. Esse ambiente foi criando corpo, criando público e se espalhando como uma boa idéia", conta.

O grupo, que surgiu dessa experiência descompromissada, hoje entre 15 e 20 shows por mês, incluindo a agenda fixa nos bares e os convites para se apresentar em cidades do interior, como Montes Claros, Ipatinga,, Governador Valadares e Pouso Alegre. "De certa forma, esse é um trabalho educativo, além de artístico, que está ajudando os jovens a descobrir nossa música e redescobrir o samba", afirma Carvalho.

MISTURA Sócio-proprietário do Vinnil Cultura Bar, o empresário Marcos Barroso, responsável pela programação da casa, aposta no samba de raiz e partido alto do Briga de Galo, às quintas-feiras, para público jovem, e dedica as noites de quarta-feira a Dona Jandira, que mescla sambas e boleros para platéia com idade acima de 35 anos. E ainda convida em outros dias da semana artistas que fazem outros tipos de mistura com o gênero. É o caso de Denise de Miranda, que se apresenta no bar na próxima terça, cantando samba-jazz. "Essa possibilidade multifacetada do samba é que está fazendo principalmente os mais jovens descobrirem o gênero", afirma Barroso.

Programador artístico do São Firmino Botequim e do Em Nome do Santo, Rodolfo Malard acredita que esse é um movimento espontâneo, injustamente pouco estimulado pela mídia em geral. Ele reclama da falta de apoio aos grupos, sobretudo da velha-guarda, e diz que um pouco mais de incentivo tornaria ainda mais evidente a importância do gênero como manifestação artística que interfere de maneira positiva na rotina da cidade. "Esse êxito nos bares é uma resposta à manifestação espontânea das pessoas", afirma.

Entre os bares que acolhem exclusivamente o gênero, o Clube do Samba Goiabada Cascão completou um ano este mês. Tem roda de samba com grupo criado pelos fundadores e recebe convidados mineiros e, eventualmente, do Rio de Janeiro, em diferentes dias da semana, para celebrar o samba tradicional, de raiz. E não faz concessão.

ONDE SAMBAR

Bedrock Bar - Rua Gonçalves Dias, 2.010, Lourdes, (31) 3292 - 3898
Clube do Samba Goiabada Cascão - Av. do Contorno, 3.379, Santa Efigênia, (31) 3461 - 9961
Conservatório Music Bar - Rua Timbiras, 2.041, Lourdes, (31) 3213 - 8375
Jequitibar - Av. Assis Chateaubriand, 573, Floresta, (31) 3271 - 6522
Em Nome do Santo - Rua Congonhas, 547, Santo Antônio, (31) 3296 - 9477
A Obra - Rua Rio Grande do Norte, 1.168, Savassi, (31) 3215 - 8077
Reciclo Asmare Cultural - Av. do Contorno, 10.555, Barro Preto, (31) 3295 - 6320
Da Roça Uai - Av. Guarapari, 537, Santa Amélia, (31) 3492 - 1120
São Firmino Botequim - BH Shopping, BR - 356, 3.001, Belvedere, (31) 3286 - 7989

CANTO CORAL

Concerto de gala

Três corais mineiros participam da 5ª edição do *Gran Finale – Festival Nacional de Corais Infantis*, em São Paulo. Os cantores mirins do Coralito do Sonata, de Araguari, regido por Cida Henrique, e dos grupos de Pouso Alegre Cantinho da Boca, dirigido por João César da Silva, e do Municipal Tanto Canto, de Maria Cecília Amoroso, integram o grande coral, composto por 400 crianças. O concerto de gala será hoje, no Memorial da América Latina, e mostra o poder e o encanto desse encontro de vozes. Mais que um evento, o festival é demonstração de como o canto pode interferir positivamente no desenvolvimento da personalidade e das aptidões artísticas das crianças.

Maestrina do Tanto Canto, Maria Cecília Amoroso participa do evento pela quarta vez e conta que essa é uma experiência singular para os participantes. Além da melhora na qualidade técnica dos cantores, o encontro se apresenta como verdadeiro exercício de superação, solidariedade e confraternização. "As crianças convivem com colegas de outras cidades, são dirigidas musicalmente por um maestro convidado de altíssimo nível e adquirem conhecimentos que vão ser lembrados para sempre", diz a regente.

Apesar de o coral municipal de Pouso Alegre ser composto por 30 integrantes, dessa vez Maria Cecília leva apenas 16 meninas ao festival. Restrições econômicas e falta de patrocínio impediram o grupo de participar com formação completa. "Infelizmente, não conseguimos mais do que uma van, cedida pela prefeitura", diz. Para participar do encontro, os corais enviam material à coordenação e são submetidos a seleção por critério de qualidade do trabalho desenvolvido.

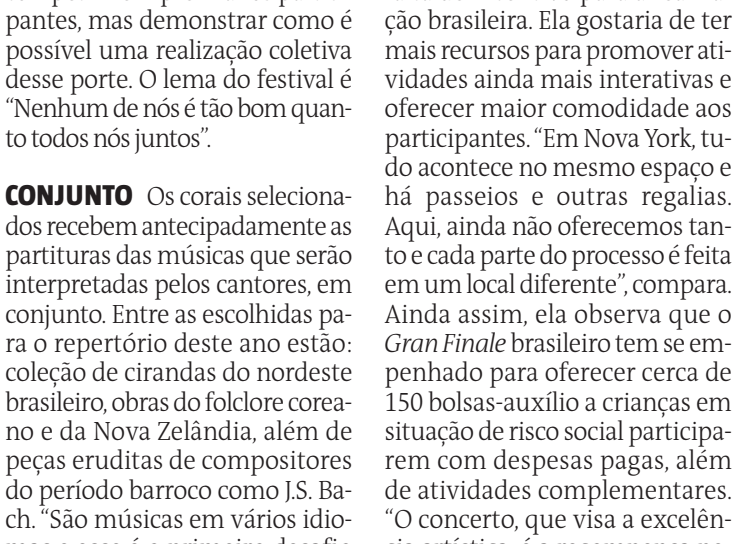
Coordenadora geral do *Gran Finale*, a maestrina Lilia Valente importou o formato dos EUA, onde o festival ocorre há 14 anos, no Carnegie Hall, em Nova York, idealizado pelo especialista em canto infantil, o maestro norte-americano Henry Leck. Este ano, ele próprio participa da versão brasileira do encontro e rege o coral composto por crianças com idade entre 8 e 15 anos, de diferentes regiões do país. O objetivo, esclarece Lilia, não é competir nem premiar os participantes, mas demonstrar como é possível uma realização coletiva desse porte. O lema do festival é "Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos".

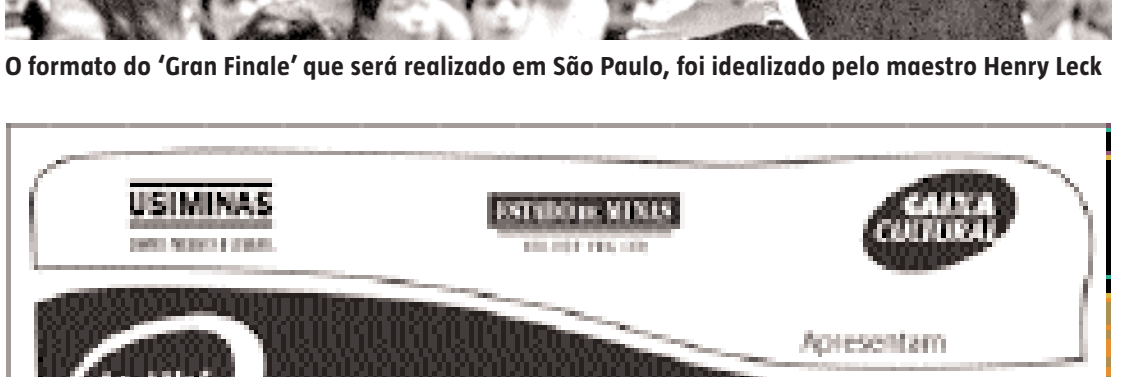
CONJUNTO Os corais selecionados recebem antecipadamente as partituras das músicas que serão interpretadas pelos cantores, em conjunto. Entre as escolhidas para o repertório deste ano estão: coleção de cirandas do nordeste brasileiro, obras do folclore coreano e da Nova Zelândia, além de peças eruditas de compositores do período barroco como J.S. Bach. "São músicas em vários idiomas e esse é o primeiro desafio para as crianças. Por isso, elas precisam ser preparadas antecipadamente pelos regentes de seus grupos, para só depois participarem dos trabalhos em conjunto", explica a coordenadora.

Lilia Valente destaca o caráter educativo do festival e o rigor técnico dos ensaios, tanto no Brasil como nos EUA. Mas reclama da falta de incentivo para a realização brasileira. Ela gostaria de ter mais recursos para promover atividades ainda mais interativas e oferecer maior comodidade aos participantes. "Em Nova York, tudo acontece no mesmo espaço e há passeios e outras regalias. Aqui, ainda não oferecemos tanto e cada parte do processo é feita em um local diferente", compara. Ainda assim, ela observa que o *Gran Finale* brasileiro tem se empenhado para oferecer cerca de 150 bolsas-auxílio a crianças em situação de risco social participarem com despesas pagas, além de atividades complementares. "O concerto, que visa a excelência artística, é a recompensa pelo empenho dos participantes", diz a maestrina. (JCM)

CARLOS MANFREDO/DIVULGAÇÃO

O formato do 'Gran Finale' que será realizado em São Paulo, foi idealizado pelo maestro Henry Leck





que fosse um show para cima, festeiro, o que tem a ver com o próprio título 'A Tal Felicidade'. O conceito é esse, uma apresentação animada, em que as pessoas se divertem, cantam

lavra de outros compositores, Frejat diz que uniu o desejo de exercitar a interpretação ao apreço que tem por determinados temas e artistas que fizeram parte da sua formação. "O que canto são

guns nomes estritamente ligados a uma MPB castiça, à qual os fãs nunca associaram Frejat – um expoente do rock dos anos 80 – diretamente. Ele não vê nisso nenhuma incongruência.

Legião Urbana
Gilberto Gil
Caetano Veloso
Gonzaguinha
Adriana Calcanhotto
Jorge Ben Jor

ck e MPB", diz.

Apesar de seu último disco de estúdio ter saído há quatro anos, Frejat diz que, pelo menos por ora, descarta lançar um novo álbum. "Não tenho projeto. Primei-

O QUÊ. Show "A Tal Felicidade", de Frejat
QUANDO. Hoje, às 21h
ONDE. Sesc Palladium (rua Rio de Janeiro, 1.046, centro)
QUANTO. Ingressos variando entre R$ 25 e R$ 70.

Show. Grupo Zé da Guiomar apresenta hoje à noite no Museu de Artes e Ofícios repertório de 'Samba Feiticeiro'

Minas e Bahia formando a fronteira do samba

■ **RENATO VIEIRA**

"O samba é voltado para o amor. Em grande parte deles, há sempre uma história envolvendo relacionamentos", define o músico Márcio Souza, violonista e vocalista do grupo Zé da Guiomar, que se apresenta na noite deste Dia dos Namorados no Museu de Artes e Ofícios, dentro do projeto Ofício da Música. Partindo dessa premissa, os casais que estiverem na plateia não sairão desapontados.

Há algumas modificações no repertório em relação à apresentação que o grupo fez em abril, no Granfinos. Souza conta que músicas dos CDs anteriores, "Zé da Guiomar" (2005) e "O Samba Tá" (2008), voltam ao repertório.

"O primeiro é de sucessos do samba com poucas inéditas. No segundo, fizemos uma inversão: grande parte do repertório inédito e autoral com algumas regravações. Quem for ao museu verá uma espécie de painel da nossa carreira, ressalta Souza.

Formado ainda por Valdênio (cavaquinho), Renato Carvalho (sax), Totove Ladeira (percussão), Analu (percussão) e Marcelim do Vale (percussão), o Zé da Guiomar decidiu jogar luz sob os compositores da Bahia em seu último trabalho, "Samba Feiticeiro", lançado no início deste ano. Onze das 13 músicas deste CD serão executadas no show de hoje – exceções aplicadas a "Você Já Foi à Bahia?", de Dorival Caymmi, e "Santo Amaro É Uma Flor", parceria de Edil Pacheco e Walmir Lima. O disco ainda conta com a participação de Wilson Das Neves, cantor e baterista que integra a banda de Chico Buarque, e de Pedro Miranda, integrante da chamada "nova geração" da Lapa.

Souza explica que a opção por autores daquele Estado se deu porque "o samba nasceu lá na Bahia", como disse Vinicius de Moraes na letra de "Samba da Bênção", parceria com Baden Powell. "Queríamos saber quais eram os novos nomes do estilo por lá e também como estaria a produção atual de grandes sambistas ainda em atividade, como Edil Pacheco, Nelson Rufino e Roque Ferreira. Eles ainda são gravados por gente como Beth Carvalho e Zeca Pagodinho, mas é pouco para o volume de músicas que eles têm na gaveta", afirma o músico. "Não gosto muito da palavra 'resgate', mas, na prática, foi isso que fizemos. E conseguindo colocar nossa personalidade em cada gravação", completa.

LUDMILA SPANGUER/ DIVULGAÇÃO

Garimpo. Grupo pinçou músicas de compositores baianos

Souza foi a Salvador e trouxe na mala 500 músicas inéditas ou semiobscuras, tanto de autores experientes quanto de novos nomes como Du Marques e Pedrão. Mas há também espaço para clássicos de Riachão e de Oscar da Penha, o Batatinha (1924-1997), ambos identificados com as características do samba do Recôncavo Baiano, misturando chula, côco e características folclóricas de origem africana.

"Do Batatinha eu sempre fui fã. Da vontade de gravar algo dele, surgiu a semente da ideia do 'Samba Feiticeiro'", revela o músico.

Agenda

O QUÊ. Projeto Ofício da Música, com Zé da Guiomar
QUANDO. Hoje, às 19h30
ONDE. Museu de Artes e Ofícios (praça da Estação, centro)
QUANTO. Entrada franca

MÚSICA

O grupo Zé da Guiomar lança o primeiro CD, cantando clássicos de Ary Barroso, Tom Jobim e Paulinho da Viola, entre outros. Compositores mineiros também ganham espaço no trabalho

Minas dá samba

DIVULGAÇÃO

O grupo Zé da Guiomar amadureceu o repertório do primeiro CD se apresentando na noite de BH

AILTON MAGIOLI

O movimento em torno do samba e adjacências, que tomou conta da noite da capital mineira, começa a dar frutos fonográficos. Amanhã, no Lapa Multshow, será lançado *Zé da Guiomar*, disco de estréia do quinteto formado por Márcio Souza (vocal e violão), Valdênio (cavaquinho), Totove Ladeira (surdo e percussão), Renato Carvalho (sax e percussão) e Cláudia Benitez (pandeiro e percussão). O CD ganhou bela capa, ilustrada com pintura de J. B. Lazzarini, e tem formato digipak. Chega ao mercado pelo selo do brasil música, com distribuição da Tratore.

Se alguém ainda duvida de que, em Minas, o compasso do samba é mais embaixo, é só ouvir a cadência diferenciada do grupo Zé da Guiomar. "Deve ser pela influência da harmonia, que é forte por aqui", justifica Márcio Souza, lembrando que o gênero se diferencia no Estado tanto pela instrumentação como na parte percussiva. "O samba mineiro é muito ligado ao samba de raiz, ao samba-canção de Cartola, Nélson Cavaquinho", acrescenta o vocalista. Explica que o andamento do gênero, aqui, é mais para trás, ao contrário do partido alto carioca, que tem andamento mais rápido.

Márcio Souza é dono de timbre suave, como a do paulistano Carlinhos Vergueiro. "Já disseram que minha voz lembra a dele, mas acho que tenho mais a ver com a bossa nova, com Edu Lobo. Gosto muito da entonação do Edu, além do trejeito elegante de Paulinho da Viola", diz. O vocalista informa que a opção de privilegiar a releitura de clássicos, no disco de estréia do quinteto, foi consenso, devido à dificuldade de criar o primeiro disco autoral. "Temos repertório para fazer um disco inteiramente inédito, mas resolvemos usar o processo de amadurecimento pelo qual estamos passando", diz o vocalista. Ele lembra que a temporada de quatro anos na casa de shows Reciclo é prova de que a originalidade do repertório agrada.

Além de *É luxo só*, de Ary Barroso e Luiz Peixoto, *Samba do avião*, de Tom Jobim, e *A flor e o espinho*, de Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito e Alcides Caminha, o Zé da Guiomar gravou *É preciso perdoar*, de Alcivando Luz e Carlos Coqueijo, *Incompatibilidade de gênios*, de João Bosco e Aldir Blanc, *Na cadência do samba (Que bonito é)*, o tema do Canal 100, de Luís Bandeira, e *Ainda mais*, de Eduardo Gudin e Paulinho da Viola.

Vertido para o samba, *Maracatu atômico*, de Jorge Mautner e Nelson Jacobina, tem *Exaltação à Mangueira*, de Enéas Brites e Aloísio da Costa, como música incidental. Jorge Benjor comparece com *O telefone tocou novamente*, que, apesar do sucesso nos shows, não foi consenso na hora da inclusão no CD.

Composições próprias do grupo estão representadas por *Destino*, de Valdênio e Márcio Souza, e *Rua da amargura*, de Valdênio, Márcio Souza e Cláudia Benitez, da trilha do filme homônimo de Rafael Conde. Vinícius Leite, o Vinição, de 27 anos, é o autor de *Agora eu sou seu*, que, com arranjo de cordas escrito por Juarez Moreira, acabou se tornando a música de trabalho do CD. Trata-se de um jovem compositor de grande potencial para o samba descoberto pelo Zé da Guiomar, informa o vocalista Márcio. Juarez Moreira, Célio Balona, Bill Lucas, Adam Jones, Paulinho Carvalho, Fernando Ramos são músicos que participam do CD e devem comparecer ao show, além dos DJs Fernando e Rafa. Depois de Belo Horizonte, o Zé da Guiomar vai a São Paulo (4 de junho) lançar o CD no Sambacana, e a Brasília (2 julho), onde se apresentará no Clube do Choro.

ZÉ DA GUIOMAR
Show de lançamento do primeiro CD. Lapa Multshow, rua Álvares Maciel, 312, Santa Efigênia. Amanhã, 22h. R$ 15. Informações: (31) 3241-2074.

REVISTA BARROCO

Referência mundial

CARLOS HERCULANO LOPES

Única publicação no mundo dedicada ao estudo do barroco, criada há mais de três décadas pelo poeta e ensaísta Afonso Ávila, a *Revista Barroco* chega ao 35º número, agora dirigida por Cristina Ávila, professora de arte e literatura comparada da Fumec, filha do fundador.

"No meu entender, a revista, desde o início, jogou nova luz sobre a teoria do barroco nacional e internacional pós-modernismo. Também lançou nomes fundamentais da cultura brasileira, como Hélio Gravatá, Francisco Iglésias, Míriam Ribeiro de Oliveira, Augusto Silva Telles, Aracy Amaral, entre outros", diz Cristina.

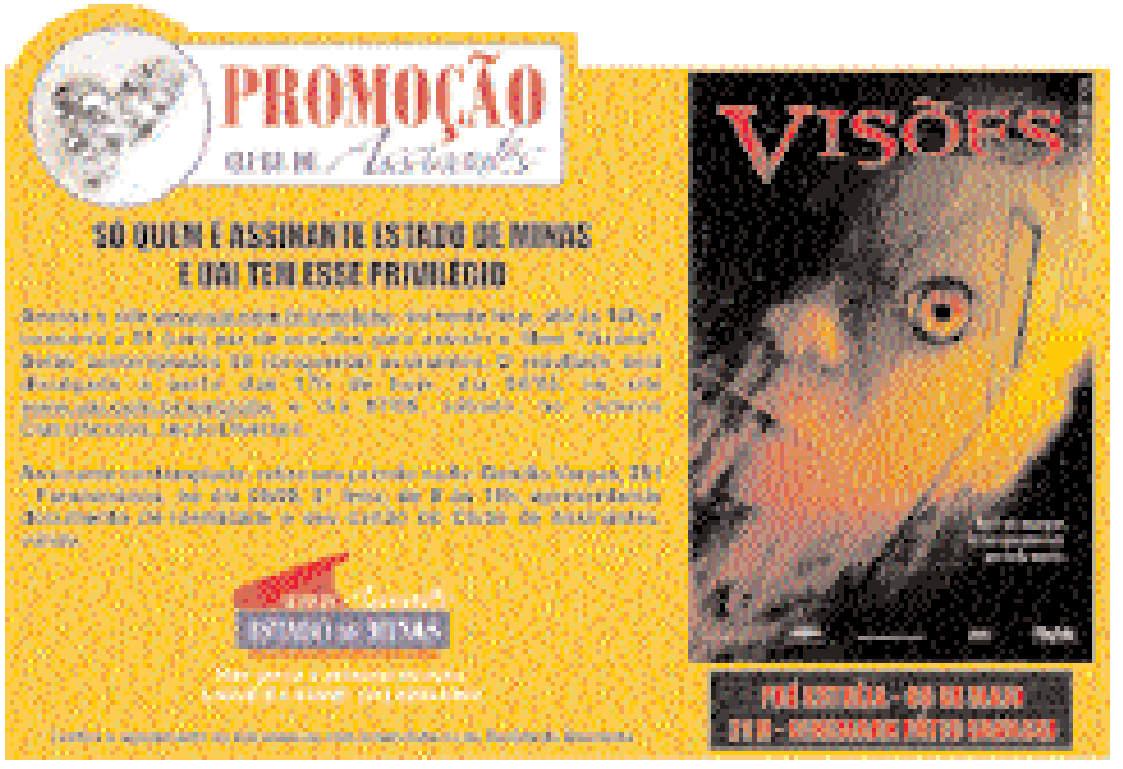
O projeto do novo número foi selecionado pela Lei de Incentivo à Cultura. "Todos os colaboradores enviaram os textos de graça, o que facilitou o lançamento da edição, pois, sem isso, a publicação ficaria inviável", afirma Cristina Ávila. Entre os destaques, estão o texto filosófico *O Aleijadinho*, do professor francês Henri Maldinei, traduzido pelo professor e crítico de arte Nelson Aguillar, e um artigo de Benedito Lima de Toledo, da Universidade de São Paulo.

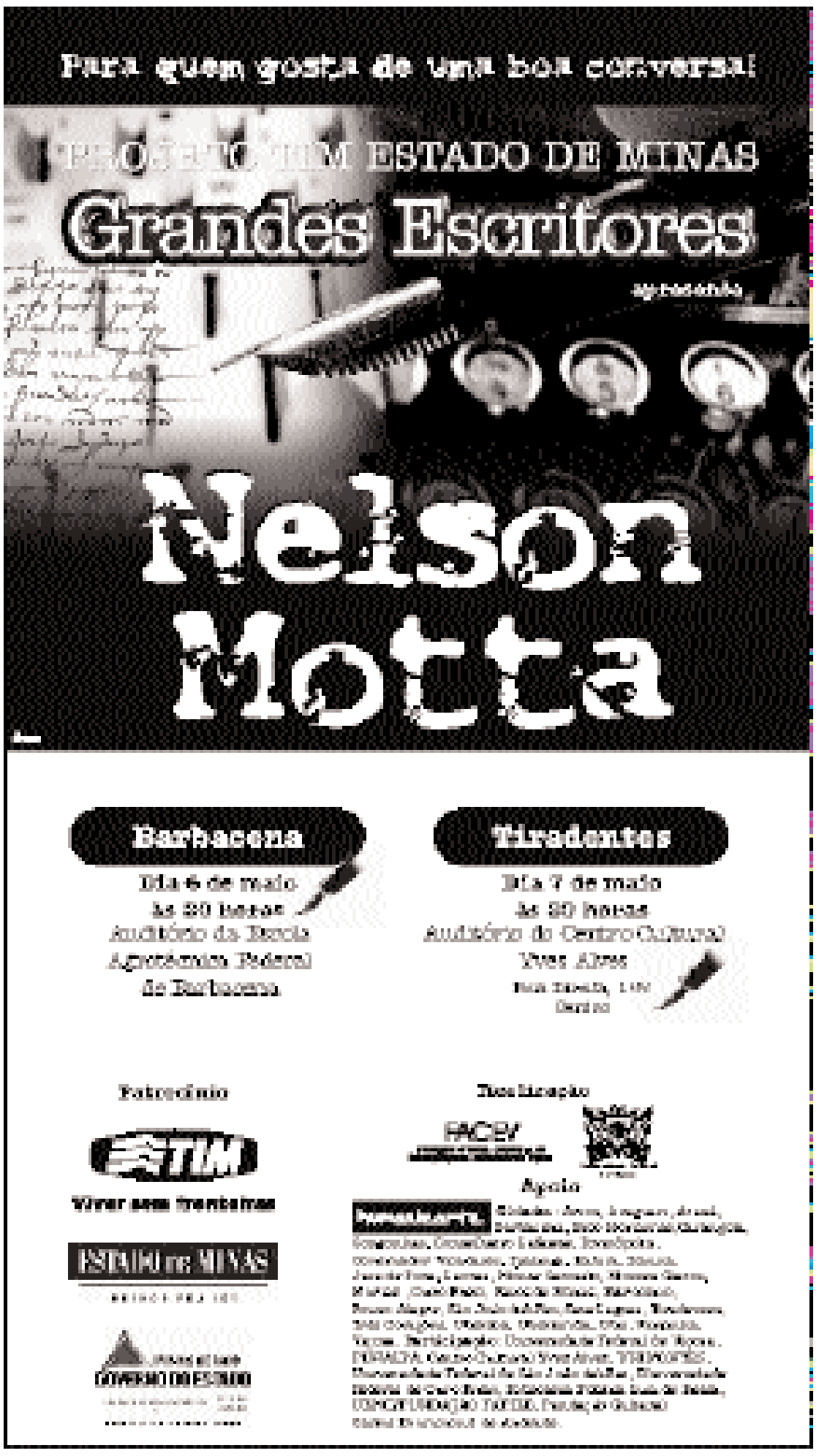
MARCOS MICHELIN

Cristina Ávila dirige publicação criada pelo pai, Afonso Ávila

"A edição vem enriquecida com artigos de novos autores, como Ronaldo Bastos, Adriano Lana, Carlos Antônio Brandão, entre outros. Isso prova que o interesse pelo barroco continua vivo", diz a editora. Outra novidade é a seção de resenhas de livros e registro de acontecimentos nas áreas de artes plásticas e literatura barroca e neo-barroca, além de textos de Áfonso Ávila, Elza Cataldo, Geraldo Martins, Abigail Pinto de Carvalho, Celso Furtado, Rodrigo Duarte, entre outros. Durante o lançamento do 35.º número da revista, haverá palestra de Afonso Ávila e concerto do Trio Barroco, da Fundação de Educação Artística.

REVISTA BARROCO
Lançamento do 35º número. Amanhã, às 10h, na Fundação de Educação Artística, rua Gonçalves Dias, 320, Funcionários (BH). Em 21 deste mês, às 16h, na Casa dos Contos, rua São José, 12 (Ouro Preto). Em 11 de junho, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, Praça da Luz (SP), 2, às 11h. Informações: www.revistabarroco.com.br





pepsi
SKOL
Azul
HONDA Banzai
STB
Century 21 Elite - BH
ESTADO DE MINAS
even

Dias de folia

Grupo Zé da Guiomar, Circuito de Samba, Feijoada no Country e matinês sacodem o Carnaval do Minas

Fevereiro chegou e, com ele, a hora de curtir uma das festas mais animadas do País, o Carnaval. O mês será de confetes, fantasias e alegria no Minas, que preparou uma divertida e intensa programação para a folia, com atrações destinadas a todas as idades.

A terça-feira gorda, que movimenta cidades dos quatro cantos do Brasil, este ano, será no dia 21 de fevereiro, mas, nas Unidades do Minas, a folia de Momo chega mais cedo, com o Circuito de Samba, nas Unidades I e II. O "abre-alas" da festa será no dia 4 (sábado), no Gramado do Minas I, que será tomado pela animação da banda Camarão de Rama, conhecida por misturar o samba tradicional com ritmos como baião, chorinho, bossa-nova, *reggae*, salsa, entre outros. No dia 5 (domingo), será a vez do Gramado Central da Unidade II receber o Circuito, com show da banda Odilara, que apresentará releituras de compositores brasileiros consagrados, como Chico Buarque, Noel Rosa, Toquinho, Tom Jobim e Cartola.

Os shows do Circuito de Samba, nas duas Unidades, começam a partir das 12h. A entrada é franca e, para participar, basta apresentar a carteirinha social em uma das portarias dos Clubes.

E a folia continua no sábado seguinte, dia 11, com a tradicional Feijoada no Country, a partir das 12h. Quem comanda a festa é o grupo Fundo de Quintal, que, há trinta anos, cativa o público com o melhor do samba de raiz e do pagode. Em seguida, a Bateria Show Balatucada sobe ao palco e coloca todo mundo para dançar, nas quadras de peteca da Unidade, que estarão devidamente cobertas para evitar qualquer contratempo. Os ingressos custam R$ 60,00, para sócios, e R$ 80,00, para convidados de sócios, e já estão à venda nas Centrais de Atendimento do Clube. O valor inclui bebidas (cerveja, caipirinha e refrigerante), além de tira-gosto, feijoada completa, sobremesas e camiseta especial do evento.

E o Carnaval do Minas não para por aí. No domingo, dia 12, a partir das 12h30, a folia ficará por conta do quinteto mineiro Zé da Guiomar, que promete não deixar ninguém parado no Minas Náutico. Além dos sócios da Unidade, sócios do Minas Tênis com adesão também terão livre acesso ao evento. Já para os sócios sem adesão, os ingressos serão vendidos a R$ 30,00. Convidados de sócios pagam R$ 80,00.

Divulgação

O grupo Zé da Guiomar é a atração do Samba no Náutico, dia 12

CD da semana

ÚLTIMAS INDICAÇÕES DO SUPER

- Aternativa Z Dia 28 de março.
- Nação Zumbi Dia 04 de abril.
- Fernando e Sorocaba Dia 11 de abril.

ZÉ DA GUIOMAR/DIVULGAÇÃO

RELEITURAS DE SAMBA DA BAHIA

Zé da Guiomar vai 'enfeitiçar' o Granfinos, no próximo sábado, em lançamento de novo álbum

O samba tipicamente baiano, criado a partir da obra de sambistas admirados no meio artístico: essa é a grande aposta do grupo mineiro Zé da Guiomar. Eles apresentam seu novo trabalho, o álbum "Samba Feiticeiro". O disco é resultado de muito trabalho e dedicação, afinal, foram oito meses de produção e duas viagens a Salvador para coleta e pesquisa de repertório, além das gravações e mixagens em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro.

Valeu a pena o esforço do grupo, pois agora os fãs do samba brasileiro poderão se deliciar e relembrar composições de artistas como Dorival Caymmi, Batatinha, Riachão, Walmir Lima e Edil Pacheco. Mas por que buscar na Bahia as raízes para o disco? "Resolvemos registrar a obra de compositores baianos que admiramos e que, hoje, são injustamente ofuscados pelo monopólio do axé music", justifica o grupo.

Esse é o terceiro CD da trajetória do Zé da Guiomar, que completa 12 anos de carreira em 2012. Essa maturidade musical, que pode ser contemplada em "Samba Feiticeiro", faz dos sambistas um dos grupos mais requisitados da cidade. Tudo fruto de muito empenho, é claro, pois os mineiros gostam muito desse gênero musical, "e o público está mais seleto do que em outras épocas. Foi-se o tempo em que qualquer grupo se apresentava nos palcos importantes e eventos da ciadade", contam. Fica a torcida para que o reconhecimento da qualidade do trabalho, do grupo, que ajudou no fortalecimento e na renovação do samba mineiro, se espalhe por todo o país.

NOITE DE SAMBA

O show de lançamento do CD "Samba Feiticeiro" acontece no próximo sábado, no Granfinos (avenida Brasil, 326, Santa Efigênia). No repertório, releituras de clássicos do samba como "Fio de Esperança" (Nelson Rufino e Edil Pacheco), "Moça Morena Maria" (Wilson das Neves e Edil Pacheco), "Tristeza" (Reginaldo Souza), "Samba Feiticeiro" (Edil Pacheco e Paulo César Pinheiro), "Águas Passadas" (Roque Ferreira e Alberto Fonseca), "Retrato da Bahia" (Riachão), "Direito de Sambar" (Batatinha) e "Você Já Foi à Bahia?" (Dorival Caymmi). O show começa às 22h, e a entrada custa R$ 15 (meia) e R$ 30 (inteira).

ALGUMAS CURIOSIDADES

1 Apostas

"Gostamos muito das músicas "Moça Morena Maria" (Wilson das Neves e Edil Pacheco), mas achamos que 'Samba Resposta' (Dú Marques e M. Paulista) e 'Quebra-Mar' (Walmir Lima e Pedrão) podem fazer mais sucesso".

2 Nostalgia

A última música do disco é "Você Já Foi à Bahia?", de Dorival Caymmi com vocais de as Formosas, que ganhou um toque brejeiro.

Foto: Divulgação

Por Mauro Ferreira

Jornalista carioca que escreve sobre música desde 1987, com ... **ver mais**

Zé da Guiomar reúne sambas de Batatinha, Riachão e Wando no álbum que resume a

ESTADO DE MINAS

MÚSICA

Zé da Guiomar comemora 20 anos de carreira com novo disco

Grupo de samba mineiro lança álbum com 14 faixas, divididas entre canções autorais e de compositores como Paulinho da Viola e Wando

Por **Augusto Pio**
27/07/2022 04:00 - Atualizado em 26/07/2022 21:28

RÁDIO CÂMARA

Compartilhe

APLAUSO

20 anos do grupo Zé da Guiomar: o samba mineiro que balança direitinho